

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**(P)ARTES DA CRIAÇÃO DE SI:
NARRATIVAS DE VIDA NA PESQUISA, PROFISSÃO E FORMAÇÃO DOCENTE**

Mariana Mizael Pinheiro da Silva

Narrativa de estágio pós-doutoral
realizada sob a supervisão do prof. Dr.
Everardo Paiva de Andrade

Fevereiro/2024

Em 2015, aprovada para o mestrado em educação na FEUFF, e a convite do professor Everardo Paiva de Andrade, participo da disciplina "*Experiência, memória e narrativas de professores*". A tônica era colocar em questão o que a vida dos professores poderia ensinar acerca da docência, de tal modo que ampliasse a possibilidade de pensar a educação através da narrativa de pessoas comuns. Este encontro - com professores da educação básica e da universidade, bem como renomados autores da pesquisa (auto)biográfica, mas também Walter Benjamin e outros - inaugura, naquele tempo ainda muito timidamente, ou diria agora, como um lampejo de futuro no passado, um modo de entender a profissão que me acompanharia até aqui, nesta narrativa de estágio pós-doutoral que compreendeu o período de maio de 2023 à fevereiro de 2024.

Neste verão de 2024 reorganizo no presente, aquele que Maurizio Gribaudi (2020) diz ser sobrecarregado de temporalidades, um dos muitos estilhaços do passado que compõem o mosaico das minhas reflexões acadêmicas: ouvir a vida das professoras e dos professores importa. Desse modo, faz parte da minha leitura da docência a percepção de que os fazeres, os saberes ou as pesquisas que os professores desenvolvem não são somente uma espécie de bagagem de conhecimentos que adquirem, que se “agregam” a eles por força da formação inicial e continuada, mas enquanto (p)arte da criação de quem são. Especialmente junto com Ivor F. Goodson (2015) insisto que não se aprende uma profissão com o cérebro, porque são “vidas que aprendem”. Sendo assim, não necessariamente enquanto uma questão hermética, mais próxima de uma temática inquietante provocada pela afirmação do autor, duas reflexões orientaram esta pesquisa:

- i) Como se aprende a profissão e como se dá a inscrição dessa aprendizagem numa história de vida?
- ii) De que modo a vida, em seu sentido lato, atravessa, nitidamente ou não, as pesquisas acadêmicas em educação?

Em quatorze de abril de 2023, antes mesmo da formalização deste estágio, inicio a participação na disciplina *Currículo & Cultura: Histórias de Vida e Trabalho Docente*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, ministrada pelo professor Everardo Paiva e a professora Sandra Lúcia Escovedo Selles, no primeiro semestre de 2023. Posteriormente, no segundo semestre do mesmo ano, com os professores Everardo, Sandra e Dinah Vasconcellos Terra, com uma nova turma de pesquisadores em educação, continuo fazendo

parte do que se configurou uma coprodução narrador/comunidade, com uma profusão de questionamentos sobre o pensar, sentir e agir dos sujeitos na vida, na docência e na pesquisa.

As vozes multiplicadas no espaço público da universidade potencializaram a reflexão teórica, assim como as suas histórias de lutas sociais, raciais e de gênero, que espelham os sentidos de ser e continuar sendo professores que fazem pesquisa em educação. Esta breve narrativa, nesse sentido, é fruto, em grande parte, da experiência compartilhada nestas aulas. Afinal, como nos fala Benjamin, “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (1994, p. 201).

Em síntese, a disciplina em seus dois momentos se organizou em torno de três eixos principais: (i) a pesquisa narrativa autobiográfica; (ii) as histórias de vida e trabalho docente; e (iii) as práticas narrativas autobiográficas (oral e escrita) de professores e pesquisadores. A cada encontro, ou como registrado na lembrança, a cada sexta-feira às 14h, a primeira hora era reservada para uma breve exposição de até dois pós-graduandos, que previamente haviam se candidatado, para a construção de uma narrativa através da qual conectariam sua trajetória pessoal/profissional e as intenções de pesquisa. A provocação que incentivava a reconstrução da memória era a seguinte: como surgem dentro de nós, em conexão com a vida comum, as questões que dão sentido às nossas pesquisas e a profissão?

Na “cadeira do narrador”, como se convencionou chamar nos primeiros dias de aula, e que seguiu como um ritual até o último encontro, a ideia era que, seguindo caminhos cruzados entre as leituras propostas, as reflexões coletivas e as escritas autobiográficas, os pós-graduandos narrassem suas histórias de vida e suas trajetórias de trabalho e pesquisa. Ao repensar o que, quem e quais lugares os constituíram, compartilhamos a partir do presente um caminho biográfico tridimensional, entre passado e projeção de futuro, como menciona Abrahão (2004). Afinal, quais dinâmicas do passado ainda pesam sobre o presente e quais prováveis desenvolvimentos futuros já se fazem presentes?

Da cadeira do narrador, no nono encontro da turma, em vinte e três de junho de 2023, ouvimos um estilhaço de vida e pesquisa do Diego.

Resgatar as memórias que esclarecem os caminhos que me levaram até essa atual pesquisa de doutorado é talvez descobrir que, conscientemente ou não, busquei transformar uma experiência um tanto traumática de ruptura entre ensino e pesquisa em um horizonte de diálogo e colaboração. Se o contexto da frase “Esqueçam o Aquino” indicava uma cisão

definitiva e hierarquizadora entre história acadêmica e história escolar, encontrei na nascente e profícua relação entre a história pública e o ensino de história, no cenário universitário brasileiro, um modelo de relacionamento entre escola, universidade e sociedade que anunciava a minha utopia particular de pesquisa em ensino: aquela em que professoras e professores de história não são esquecidos, mas reconhecidos como parceiros e interlocutores privilegiados na produção de conhecimento (Diego Gomes Souza).

Ao narrarmos, organizamos e conferimos sentido às tramas da vida, da docência e da pesquisa em educação. Isto é, não contamos fatos, reconstruímos a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia. As narrativas, assim, constituíram uma chave robusta de compreensão na medida em que permitiram, parafraseando Dominicé (2014), nos aproximarmos da formação, em seu sentido lato, enquanto parte do que fizemos com o que os Outros (a família, a escola, a universidade, a sociedade) quiseram fazer de nós. Desse modo, não se trata puramente de um culto à individualidade, mas de “perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

A obra de Goodson, sobretudo a sua publicação mais recente no Brasil – *A vida e o trabalho docente, 2022* –, foi uma referência basilar que apontava justamente na direção das armadilhas contidas na ascensão das narrativas de vida: a individualização e a descontextualização. Se por um lado, o social e o político são grandes generalizações que se materializam na vida das pessoas e, por isso, *é preciso antes entender o pessoal e o biográfico*, por outro lado, as verdades pessoais, que ele chama de histórias de vida, por vezes podem negligenciar os movimentos históricos em que estão inseridas. Para ele, a colaboração (entre professores e pesquisadores) e a contextualização (com outras narrativas, dados históricos, documentos, informações) são elementos chave para a passagem de uma história subjetiva para uma história de vida completa.

Em meio a este debate constante, em uma das aulas do primeiro semestre, Diego - professor de história e doutorando em educação - mais uma vez nos inquieta. Provoca o debate: no contexto de uma audição pública e coletiva de narrativas entre pares - como vivenciada na disciplina -, estaríamos nós, em alguma instância, caminhando na direção da construção de histórias de vida e pesquisa de professores? Das singularidades como ponto de partida, entre a diversidade de agências sobre a realidade social, racial e de gênero, além dos diferentes níveis de consciência sobre os processos vivenciados, miramos o horizonte da

docência através da escuta; da aproximação e do afastamento das experiências; das referências bibliográficas mobilizadas pela disciplina. Esta conjuntura coletiva, enriquecida em função do confronto com os pares, a História e as pesquisas em educação desenvolvidas pelos participantes, talvez tenha nos possibilitado cogitar certo movimento de refinamento na construção de imagens abreviadas da docência, como nos sugere Diego, e que também compartilho.

À vista disso, com a intenção de tecer narrativas (auto)biográficas enraizadas, costurando a vida individual com a história coletiva, a proposta de encerramento da disciplina nos dois semestres foi a produção final de uma carta pública localizando na própria trajetória – intelectual e de vida – os interesses e problemas atuais de pesquisa em educação. As entregas públicas aconteceram nas datas de 01 de setembro de 2023 (a turma do primeiro semestre de 2023) e 02 de fevereiro de 2024 (a turma do segundo semestre de 2023), em que os pós-graduandos foram convidados a uma narrativa oral de seus percursos, gravada em parceria com o projeto “Rede Trajetórias Docentes¹”. O segundo momento da organização e publicização destas narrativas, através de um e-book, que será intitulado de “Pesquisa e profissão em primeira pessoa: histórias de vida de professoras e professores”, está em processo de construção. Para a sua finalização, temos como intenção retomar o estágio, por hora encerrado, no segundo semestre de 2024. Neste livro virtual também constará a minha narrativa autobiográfica através do artigo “Construindo um mosaico: estilhaços de vida, docência e pesquisa”.

Sob o título “Docência e pesquisa em formação: narrativas do tempo em um coletivo de orientação compartilhada”, no contexto do estágio pós-doutoral, em uma construção coletiva, junto do grupo de pesquisa e formação autodenominado de Orientação Compartilhada, sob organização do professor Everardo, foi produzido um artigo (no prelo) que integra o movimento de pesquisa em rede chamado de “Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa (auto)biográfica: diálogos latino-americanos”, com a intenção de narrar práticas instituintes da nossa formação a partir da abordagem autobiográfica.

Também como parte do estágio pós-doutoral, em parceria com Everardo Paiva de Andrade, realizamos um minicurso remoto no IX ENALIC – Encontro Nacional das Licenciaturas, em sete de dezembro de 2023, que ocorreu na cidade de Lajeado/RS, intitulado

¹ O acervo intitulado Trajetórias Docentes reúne narrativas de professores em vários momentos de vida e de formação (inicial, continuada). As narrativas concedidas pelos participantes da disciplina “*Currículo & Cultura: Histórias de Vida e Trabalho Docente*” poderão ser acessadas no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/channel/UCuMib85fptWUchES3Xzg9SA>.

“Narrativas e histórias de vida na pesquisa, profissão e formação docente”. A proposta se organizou em dois momentos: (i) Reflexão em torno de alguns conceitos fundamentais da pesquisa narrativa, tais como: narrativa e experiência; estórias e histórias de vida; e mônadas como configurações narrativas. (ii) O convite para uma atividade autobiográfica na qual os participantes se sentissem incentivados a configurar, sob a forma de breves mônadas benjaminianas, a partir de três linhas gerais, a escolha da licenciatura, as experiências na profissão e as suas pesquisas sobre a docência.

Mais uma vez em parceria, juntamente com a professora Carolina Luiza de Castro da Silva, companheira de pós-doc, participamos da VII Jornada do grupo de pesquisa Currículo, Docência e Cultura - “Docências narradas: contando a profissão em tempos de negacionismos”. O trabalho apresentado oralmente no primeiro dia de dezembro de 2023, intitulado “Biografando profissões docentes: (p)artes da criação de si e das inventividades docentes”, tinha como intenção compartilhar o projeto de estágio que estávamos desenvolvendo paralelamente na UFF, mas que mantinha como ponto de encontro a compreensão de que através da escuta atenta, bem como do estabelecimento de diálogos horizontais com professoras e professores da educação básica, podemos estabelecer outras maneiras de narrar a profissionalidade.

Outra atividade realizada foi a participação, em duas oportunidades, na disciplina de “Pesquisa e Prática Educativa I (PPEI / História)”, do curso de História da UFF, a convite do professor Everardo Paiva de Andrade. No dia treze de junho de 2023, a interlocução teve como proposta pensar: “Quando professores pesquisam, o que pesquisam?”. Já no segundo encontro, em quatro de outubro de 2023, fui convidada para conversar com a turma sobre o tema “Vidas de professores e identidade profissional docente” a partir das compreensões de Ivor F. Goodson. Em ambos, a proposta de reflexão trazia a relevância das histórias de vida no processo de formação (inicial ou continuada) de professores, em diálogo com as vivências escolares de uma professora de profissão que realiza pesquisa em educação.

Como atividades derradeiras, participei como membro da banca de qualificação de doutorado de José Marcos de Assis Couto Júnior – “Memórias, nostalgias e identidades: a comunidade João Paulo II e o projeto de uma escola outra na construção de um território educativo em Senador Camará” – no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, em 23 de janeiro de 2024. E como membro da banca de defesa de tese de Julia Dionísio Cavalcante Silva - “Elas com a palavra: Gênero, saberes e narrativas sobre a docência” - também no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, em 28 de fevereiro de 2024.

Nas linhas finais desta narrativa gostaria de encerrar com uma elucubração a partir do diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan, na obra *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino:

O Grande Khan já estava folheando em seu Atlas os mapas das ameaçadoras cidades que surgem nos pesadelos e nas maldições: Enoch, Babilônia, Yahoo, Butua, Brave New World.

Disse:

– É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.

E Polo:

– O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

É necessário reconhecermos que o discurso das ausências (SANTOS, 2006) em relação a escola e ao escolar insiste em permanecer, e os professores conservam-se situados em uma conjuntura de desconfiança, tanto em relação às suas práticas como aos seus saberes, na universidade e, também, na sociedade. Diante disso, poderíamos dizer, através das palavras de Marco Polo, que ouvir professores nos aproxima da segunda opção, daquela que exige uma escuta mais atenta aos mais de dois milhões² de professores no Brasil. Ao reconhecer o que não é inferno, ao preservá-lo, configuramos uma rica possibilidade de abrir espaço na direção de uma pesquisa Outra, mais comprometida com a valorização da docência.

Referências bibliográficas:

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto alegre (RS): EdPUCRS, 2004. p. 201-224.

ANDRADE, Everardo Paiva de; SOUZA, Aline Nunes Ferreirinha de; SOUZA, Diego Gomes; RAMÔA, Hosana do Nascimento; COUTO Jr., José Marcos de Assis; SILVA, Mariana Mizael Pinheiro da; AUGUSTO, Natália Pinheiro; NASCIMENTO, Priscila Artte Rosa; CAROSO, Silvia Oliveira. *Docência e pesquisa em formação: narrativas do tempo em um coletivo de orientação compartilhada*. Campinas (SP): no prelo, 2024. 18 p.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas, v. 1). 10ª reimpressão, 7ª edição, São Paulo – SP: Brasiliense, p. 197-221, 1996.

² Dado acessado através do site <https://www.gov.br/inep> na data de 17/02/2024.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. In: Revista Brasileira de Educação, v. 17, nº 51, set-dez. p. 523-536, 2012.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. – 2, ed. – Natal, RN: EDUFRN, p. 77-90, 2014.

GOODSON, Ivor. Narrativas em educação: a vida e a voz dos professores. Porto (Port): Porto Editora, 158 p., 2015.

_____. A vida e o trabalho docente. Petrópolis (RJ): Vozes, p. 7-15, 2022.

GRIBAUDI, Maurizio. Forma, tensão e movimento: a plasticidade da história. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (Orgs.). *Micro-história: um método em transformação*. São Paulo (SP): Letra e Voz, p. 49-68, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A ecologia dos saberes. In: *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, p. 137-165, 2006.